

Naso Magister erat:

A biografia de Públio Ovídio Naso

Ana Lucia Santos Coelho¹

Submetido em 06/2016

Aceito em 08/2016

RESUMO:

O poeta latino Públio Ovídio Naso morreu há quase 2.000 anos e os estudiosos, ainda hoje, classificam suas obras como umas das mais ricas de arte antiga que possuímos. O Império Romano há muito tempo entrou em colapso e o latim deixou de ser uma língua mundial, mas as obras de Ovídio continuam sendo lidas, inclusive em partes do mundo que o poeta não sabia que existiriam. O objetivo desse artigo, portanto, é apresentar a biografia e o contexto no qual esse autor latino viveu e escreveu os seus versos.

Palavras-chave: Roma – Principado de Augusto – Ovídio.

ABSTRACT:

The Latin poet Publius Ovid Naso died nearly 2,000 years ago and scholars, even today, classify his works as one of the oldest art rich we have. The Roman Empire long ago collapsed and Latin ceased to be a world language, but the works of Ovid are still read, even in parts of the world that the poet did not know existed. Therefore, the aim of this article is to present the biography and the context in which this Latin author lived and wrote his verses.

Keywords: Rome – Augustan Principate – Ovid.

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), sob a orientação do Professor Fábio Faversoni. E-mail para contato: ana.scoelho@hotmail.com

O que sabemos sobre a vida de Públio Ovídio Naso e como sabemos? Embora o poeta tenha escrito uma variedade de trabalhos, os pesquisadores de Literatura Latina comentam, em geral, que não há uma biografia única a seu respeito, pois seus dados biográficos estão dispersos por suas obras. Desse modo, grande parte do que sabemos sobre a vida de Ovídio vem de suas próprias declarações, contidas em seus poemas, ou seja, dos traços que o poeta deixou atrás de si e que cabe a nós, historiadores, interpretá-los (MARROU, 1978, p. 55).

A esse respeito, Volk (2010, p. 20), autora de um importante compêndio sobre a vida de Ovídio, comenta que utilizar as palavras do poeta para reconstruir a sua biografia é obviamente um risco, pois a pessoa que afirma “eu” nos poemas, apesar de ser identificada com Ovídio, é claramente uma construção literária e, enquanto não pudermos considerar algumas referências sobre sua vida como verdade histórica, devemos ser cautelosos.

Nesse sentido, Volk (2010, p. 22) esclarece ainda que o autor, em seus poemas, cria o caráter da *persona* Ovídio, uma figura que compartilha muitas características com o seu criador, não perdendo, porém, o *status* de *persona*. Sendo assim, uma vez que essa personagem “[...] aparece em quase todos os poemas de Ovídio, e ganha um destaque significativo, é possível ler os seus trabalhos e narrar [...] a ‘biografia de Ovídio’ [...]”. Com efeito, as informações mais diretas sobre a vida pessoal do poeta estão contidas tanto na coletânea de poemas intitulada *Fasti*, quanto nas obras do exílio – *Tristia*, *Epistulae Ex Ponto* e *Ibis*. Com base nesse legado literário, podemos inferir que Ovídio nasceu em 20 de março de 43 a.C., em Sulmona, cidade da região do Brútio, ao norte de Roma. Sobre tal acontecimento o poeta afirma: “Sulmona é a minha pátria, uma terra rica em córregos gelados, a noventa milhas de Roma [...] e se queres saber a data [do nascimento] foi quando os dois cônsules caíram sob o estresse do destino [...]” (*Tristia*, IV, X, 3-6).² Em outras palavras, 43 a.C., quando os dois cônsules Hirtio e Pansa se lançaram na campanha contra Marco Antônio, instituído no cargo de triúviro logo após a morte de Júlio César, em 44 a.C.

Assim como seu pai, Ovídio pertencia à ordem equestre, a categoria mais alta, depois dos senadores, da elite romana. Juntamente com seu irmão mais velho foi encaminhado a Roma para o estudo de gramática e retórica, após o qual realizou uma

² *Sulmo mihi patria est, gelidis uberrimus undis, milia qui novies distat ab urbe decem. Editus hie ego sum, nee non, ut tempora noris, cum cecidit fato consul uterque pari [...]*.

viagem de estudos a Atenas, ao Egito e à Ásia Menor, permanecendo também quase um ano na Sicília (VOLK, 2010, p. 22).

Segundo Paratore (1983, p. 503), de volta a Roma, exerceu algumas magistraturas menores e casou-se pela primeira vez. O casamento foi rapidamente dissolvido e o poeta, então, casou-se pela segunda vez, divorciando-se em pouco tempo. Em seguida, em um terceiro enlace, Ovídio desposou a mulher com a qual permaneceu unido até o fim de sua vida.

Wheeler (1988, p. xvi-xvii) comenta que os dois primeiros matrimônios do poeta ocorreram quando ele era ainda muito jovem, motivo pelo qual resultaram em divórcio. Os nomes dessas mulheres não são mencionados por Ovídio, excetuando-se o de sua terceira esposa, que a denomina Fábria e a caracteriza como viúva e mãe de uma jovem chamada Perilla.

Para White (2002, p. 2), foi justamente essa união a responsável por introduzir o poeta nos escalões superiores da sociedade romana, uma vez que sua esposa mantinha conexões com a casa de Paulo Fábio Máximo, um grande amigo de Augusto que, mais tarde, se tornou um dos patronos de Ovídio. A esposa de Máximo, Márcia, também foi importante nesse processo, pois era prima de Augusto e amiga da imperatriz Lúcia. Durante a sua vida política, Ovídio se tornou um membro do *Tresviri Capiteles* (Conselho de Três Funcionários), um dos cargos eletivos que precedia a entrada no Senado, cuja função era realizar prisões e execuções.³ Sobre esse acontecimento, diz o poeta: “Eu fui tão longe que recebi o primeiro ofício concedido aos jovens e naqueles dias me tornei um dos três no *Tresviri*” (*Tr.*, IV, X, 33-34).⁴

Depois de algum tempo, o poeta decidiu deixar tal ofício, argumentando não estar apto física e mentalmente para as responsabilidades de uma carreira no Senado: “Eu não tinha nem um corpo para suportar a labuta nem uma mente adequada para isso; por natureza, eu evitava as preocupações de uma vida ambiciosa e as irmãs Aônia foram sempre me incentivando a buscar a segurança de uma aposentadoria que eu já tinha escolhido e amado” (*Tr.*, IV, X, 35-40).⁵

³ Abott (1901, p. 210) esclarece que o *Tresviri Capiteles* era um conselho composto por magistrados eleitos, cujo dever era preservar a ordem na cidade de Roma, prender criminosos, julgá-los, puni-los – caso fossem estrangeiros ou escravos – e obter provas contra os indivíduos sob acusação.

⁴ *Cepimus et tenerae primos aetatis honores, eque viris quondam pars tribus una fui.*

⁵ *Curia restabat: clavi mensura coacta est; maius erat nostris viribus illud onus, nee patiens corpus, nee mens fuit apta labori, sollicitaeque fugax ambitionis eram, et etere Aoniae suadebant tuta sorores otia, iudicio semper amata nieo.*

Por volta dos 25 ou 30 anos, o poeta de Sulmona tornar-se-ia membro da *Centumviri* (Corte Centúria), servindo como uma espécie de juiz em processos particulares.⁶ Sobre o assunto, Ovídio comenta: “[...] foi a mim confiado erroneamente o destino daqueles sob julgamento, a ser examinado pela Corte Centúria. Também em casos privados eu alcancei acordos, agindo como juiz sem receber críticas alheias; e até mesmo o lado derrotado admitiu minha boa fé” (*Tr.*, II, 93-96).⁷ Conte (1999, p. 340), em sua obra *Latin Literature: a history*, conta-nos que, depois de participar de algumas magistraturas menores, Ovídio decidiu abandonar a carreira política.

Conte (1999, p. 340) também menciona que, após essa decisão, o poeta ingressou na carreira literária. Suas primeiras performances ocorreram, provavelmente, muitos anos após a batalha de Ácio, talvez por volta de 25 a.C.⁸ Podemos indicar aproximadamente essa data devido à informação que o próprio poeta nos fornece: “Quando li pela primeira vez meus cânticos juvenis em público, minha barba havia sido cortada uma ou duas vezes” (*Tr.*, IV, X, 57-58).⁹ Em relação a esses versos, concordamos com Knox (2009, p. 5) quando afirma que Ovídio não deveria ter mais de 18 anos quando recitou os seus poemas pela primeira vez.

Ao que parece, quando o pai de Ovídio descobriu as inclinações do filho para o mundo da poesia, tentou desencorajá-lo: “Muitas vezes meu pai disse: ‘Por que você realiza uma busca inútil? Nem mesmo Homero deixou riquezas’” (*Tr.*, IV, X, 21-22).¹⁰ Impressionado por esse argumento, Ovídio resolveu abandonar a poesia e, daí em diante, escrever somente em prosa: “Eu fui influenciado pelo que ele disse [...] e tentei escrever palavras livres de ritmo, mas [...] tudo o que me dava a escrever, saía-me em verso” (*Tr.*, IV, X, 23-26).¹¹

Para Gudeman (1952, p. 127), com seu talento e perspicácia, Ovídio logo atraiu a atenção dos mais célebres poetas de sua época, o que lhe proporcionou o ingresso no

⁶ Nuttall (1840, p. 74) explica que o *Centumviri* era formado por juízes nomeados pelo *praetor* para decidir causas comuns entre o povo romano, como, por exemplo, heranças e testamentos. A magistratura foi composta inicialmente por 105 membros e depois expandida para 180. Suas decisões eram denominadas de *judicia centumviralia*.

⁷ *Nee male commissa est nobis fortuna reorum lisque decem deciens inspicienda viris. Res quoque privatas statui sine crimine iudex, deque mea fassa est pars quoque victa fide.*

⁸ A batalha de Ácio ocorreu no ano de 31 a.C. e foi uma disputa entre Marco Antônio e Otávio Augusto, na qual este lutou contra a ameaça de orientalização de Roma por Marco Antônio. A “vitória em Ácio foi crucial para o herdeiro de César, o qual passou a ser visto como o restaurador da liberdade (*vindex libertatis*)” (MENDES, 2006, p. 26).

⁹ *Carmina cum primum populo iuuenalia legi, barba resecta mihi bisue semelue fuit.*

¹⁰ *Saepe pater dixit 'studium quid inutile temptas? Maconides nullas ipse relinquit opes'.*

¹¹ *Motus eram dictis, totoque Helicone relicto scribere temptabam verba soluta modis. Sponte sua Carmen numeros veniebat ad aptos, et quod temptabam scribere versus erat.*

círculo literário de Marco Valério Messala Corvino (64 a.C. – 13 d.C.), ao qual pertenceram vários poetas contemporâneos de Augusto e Ovídio. Saliente-se que Corvino era um aristocrata, talvez vinte anos mais velho que Ovídio, patrocinador de jovens talentos poéticos.

O poeta desfrutou dos benefícios do Principado de Augusto, período de estabilidade política e militar após o fim das guerras civis, e, como resultado disso, “[...] as preocupações políticas e sociais encontradas em suas poesias diferem daquelas preocupações de seus predecessores, como Virgílio, Horácio e Propércio” (HABINEK, 2006, p. 46). Decerto,

[...] poderíamos dizer que, enquanto Virgílio, Horácio e Propércio são, em geral, introspectivos politicamente, concedendo prioridade à História romana e ao funcionamento interno da sociedade, a poesia de Ovídio está preocupada com o panorama: de um assento no teatro para o show lá embaixo; de Roma para suas distantes propriedades e, finalmente, nas últimas linhas das *Metamorphoses*, dos céus imutáveis para a terra em constante mudança (HABINEK, 2006, p. 6).

Entre esses autores que apresentavam abordagens políticas divergentes, apenas alguns chegaram a conviver com Ovídio. O poeta, inclusive, comenta sobre a influência recebida de Virgílio, Horácio e Propércio, bem como alude a outras figuras:

Eu cultivei e amei os poetas daquele tempo, e para mim poetas eram como deuses. Frequentemente, Emílio Macrão, já de idade avançada, lia para mim sobre os seus pássaros, sobre cobras venenosas e sobre plantas medicinais. Amiúde, Propércio recitava seus versos flamejantes, devido à amizade que tinha por mim. Pôntico, notável pela epopeia, e Basso, notável pelos seus versos iâmbicos, eram membros queridos do meu círculo. E Horácio, dentre muitos, prendia nossos ouvidos como escravos, enquanto afinava suas bem elaboradas canções à lira ausoniana. Virgílio eu apenas vi; o destino ganancioso não concedeu tempo para Tibulo se tornar meu amigo. Ele era sucessor de Virgílio; Galo, e Propércio de Tibulo; depois deles eu era o quarto na linha do tempo (*Tr.*, IV, X, 41-54).¹²

Ovídio, então, não contraiu amizade com Virgílio. Paratore (1983, p. 504) afirma que “[...] o jovem poeta chegou apenas a ver o grande, a quem depois haveria de subtrair parte do influxo sobre as gerações seguintes [...]”. Contudo, manteve relações com Propércio, Horácio, Emílio Macrão, Pôntico e Basso, poetas estimados entre os

¹² *Temporis illius colui fouique poetas, quotque aderant uates, rebar adesse deos. Saepe suas uolucres legit mihi grandior aeuo, quaeque nocet serpens, quae iuuath erba, Macer. Saepe suos solitus recitare Propertius ignes, iure sodalicii, quo mihii unctus erat. Ponticus heroo, Bassus quoque clarus iambis dulcia conuictus membra fuere mei. Et tenuit nostras numerosus Horatius aures, dum ferit Ausonia carmina culta lyra. Vergilium uidi tantum, nec auara Tibullo tempus amicitiae fata dedere meae. Successor fuit hic tibi, Galle, Propertius illi; quartus ab his serie temporis ipse fui.*

seus contemporâneos, cujos trabalhos, provavelmente, influenciaram suas incursões no gênero épico, elegíaco, trágico, entre outros.

Tais incursões em diferentes gêneros literários, segundo White (2002, p. 6) transformaram Ovídio no único entre os poetas augustanos que produzia, constantemente, obras com temas diversificados. Esse foi, aliás, um dos motivos responsáveis pelo seu sucesso, o que lhe permitiu tornar-se proprietário de uma residência na região do Monte Capitolino: “Olhando para a lua e para sua luz sobre o Capitólio, que, em vão, tocava minha casa [...]” (*Tr.*, III, I, 29-30).¹³ Além disso, seus poemas tiveram tanto apelo popular que alguns foram adaptados para performances nos teatros: “Meus poemas também têm sido frequentemente apresentados para as pessoas com a dança” (*Tr.*, II, 519).¹⁴ Finalmente, segundo ele próprio, sua reputação literária equivalia à dos grandes poetas de seu contexto histórico: “Embora nossa época tenha trazido poderosos poetas, a fama não tem sido relutante ao meu gênio [...] e eu sou o mais lido de todos pelo mundo” (*Tr.*, IV, X, 125-128).¹⁵

Na segunda metade do ano 8 d.C., logo após Ovídio completar 50 anos, Augusto o banuiu para a ilha de Tomos, nas margens do Mar Negro, atual Romênia. As circunstâncias que provocaram essa decisão imperial permanecem obscuras, pois nossa única fonte de informação a esse respeito é o próprio Ovídio, que não fornece dados explícitos sobre o assunto (KNOX, 2009, p. 6). Desse modo, Tribault (1964, p. 121) alega que, após uma busca incansável de hipóteses para o fato, não é possível determinar uma que seja completamente satisfatória.

Ainda que Ovídio não nos revele indícios suficientes para inferirmos com certeza e credibilidade o motivo de seu exílio, ele nos oferece algumas pistas valiosas, como, por exemplo, seu depoimento nas *Tristia*: “A causa da minha ruína, muito conhecida por todos, não será revelada por minhas evidências” (*Tr.*, IV, X, 99-100).¹⁶ Em virtude dessa declaração, é possível afirmar que muitas pessoas em Roma tinham conhecimento acerca dos motivos de seu exílio, a ponto de tal notoriedade tornar supérfluo qualquer detalhamento, evitando-se, conseqüentemente, o risco de propagação da vergonha. De qualquer forma, o que muitos sabiam era que o poeta tinha, de alguma

¹³ *Hanc ego suspiciens et ad hanc Capitolia cernens, quae nostro frustra iuncta fuere Lari.*

¹⁴ *Et mea sunt populo saltata poemata saepe.*

¹⁵ *Nam tulerint magnos cum saecula nostra poetas, non fuit ingenio fama maligna meo, cumque ego praeponebam multos mihi, non minor illis dicoret in Toto plurimus orbe legor.* Para mais detalhes sobre a vida de Ovídio, consultar WHEELER (1925, p. 1-28).

¹⁶ *Causa meae cunctis nimium quoque nota ruinae indicio non est testificanda meo.*

maneira, ofendido o imperador. Mas Ovídio consegue ser mais específico em relação a isso?

A famosa razão que ele nos concede é esta: “Dois crimes me levaram à ruína, um poema e um erro” (*Tr.*, II, 207).¹⁷ Ademais, assegura:

Eu não era culpado de assassinato quando vim para as margens do Mar Negro, nenhum veneno pernicioso foi misturado pelas minhas mãos; minha insígnia não foi condenada por uma tábua fraudulenta carregando no seu linho palavras caluniosas. Eu não fiz nada que a lei proíbe. No entanto, devo confessar um pecado maior (*Epistulae Ex Ponto*, II, IX, 67-72).¹⁸

Seu erro fez mal apenas a si mesmo e não lhe trouxe recompensas: “Nada então direi exceto pelo fato de que errei, mas que, por tal erro, não visei a nenhuma recompensa” (*Tr.*, III, VI, 33-34).¹⁹

Muitas vezes, Ovídio insiste que o seu erro foi testemunhar um crime:

Eu não disse nada, não divulguei nada nos meus discursos, não deixei escapar palavras ímpias devido à ingestão de muito vinho: pelo fato de os meus olhos involuntários terem presenciado um crime, eu fui punido, e é meu pecado a possessão desses olhos (*Tr.*, II, V, 47-50).²⁰

O poeta argumenta ainda: “Até mesmo essa culpa que me arruinou, você dirá que não é um crime se conhecer o curso deste grande mal” (*Tr.*, IV, IV, 37-38).²¹

Grande parte dos especialistas acredita que Ovídio foi banido de Roma devido a um envolvimento no caso de adultério da neta de Augusto, Júlia. Segundo White (2002, p. 17), esse episódio também é pobremente documentado, porém ambos os eventos ocorreram no ano 8 d.C. Para Volk (2010, p. 32), o envolvimento do poeta poderia ser apenas uma simples coincidência, contudo, é tentador pensar que Ovídio estaria envolvido de alguma forma e, por causa disso, foi punido. A esse respeito a autora acrescenta:

Isso explicaria por que a *Ars Amatoria* é invocada como a razão do exílio: o poema teria sido utilizado para demonstrar que Ovídio era um defensor e capacitador do adultério, tanto em palavras quanto em ações. O problema dessa teoria é que a punição seria exageradamente severa para alguém apenas marginalmente envolvido. Note-se que o suposto amante de Júlia, Décio Silano, saiu dessa situação de forma mais suave: ele deixou Roma voluntariamente, não tendo sido

¹⁷ *Perdiderint cum me duo crimina, carmen et error.*

¹⁸ *Non ego caede nocens in Ponti litora veni, mixtave sunt nostra dira venena manu: nee mea subiecta convicta est gemma tabula mendacem linis imposuisse notam. Nee quicquam, quod lege vetor committere, feci: est tamen his gravior noxa fatenda mihi.*

¹⁹ *Nil igitur referam nisi me peccasse, sed illo praemia peccato nulla petita mihi.*

²⁰ *Non aliquid dixive, elatave lingua loquendo est, lapsaque sunt nimio verba profana mero: inscia quod crimen viderunt lumina, plector, peccatumque oculos est habuisse meum.*

²¹ *Hanc quoque, qua perii, culpam scelus esse negabis, si tanti series sit tibi nota mali.*

oficialmente exilado, e foi autorizado a retornar após a morte de Augusto.

Apesar das especulações acerca do exílio, o fato é que Augusto desterrou Ovídio para a ilha de Tomos. O poeta descreve o acontecimento nos seguintes termos: “Tu não condenaste os meus atos por um decreto do Senado ou muito menos foi o meu exílio deliberado por um tribunal especial. Com palavras de austera injúria – dignas de um príncipe – tu mesmo, como apropriado, vingaste tua mágoa” (*Tr.*, II, 135-138).²²

Para além do próprio infortúnio pessoal, é importante destacar que as obras ovidianas também padeceram com o exílio. A *Ars Amatoria*, um de seus trabalhos mais conhecidos, por exemplo, foi banida das bibliotecas públicas:²³

Versos deram a homens e mulheres o desejo de me conhecerem, mas isso não foi um bom presságio para mim; versos levaram César a estigmatizar a minha pessoa e os meus modos ordenando que a minha “Arte” fosse a partir de então banida (*Tr.*, II, 6-8).²⁴

Apesar do exílio, Augusto permitiu que o poeta mantivesse a sua cidadania e propriedades: “Tua ira é realmente moderada, pois tu me concedeste a vida, eu não perdi nem o direito nem o nome de cidadão, tampouco foi a minha fortuna concedida a outros [...]” (*Tr.*, V, II, 55-57).²⁵ Adiante, Ovídio reclama que ninguém tinha sido exilado para um local mais afastado de Roma do que ele: “Embora outros tenham sido exilados por causas pesadas, ninguém foi punido com um desterro tão remoto” (*Tr.*, II, 194).²⁶ Desterro que fez o poeta embarcar, no mês de dezembro, em uma jornada envolvendo terra e mar, a qual o deixou em Tomos na primavera seguinte (WHITE, 2002, p. 17).

É válido evocar aqui o argumento defendido por Cabeceiras (2002, p. 6-7) sobre o exílio do poeta. Para o autor, o banimento de Ovídio teria provocado um isolamento cultural. O exílio na ilha de Tomos, um lugar tão remoto, implicaria o enfraquecimento

²² *Adde quod edictum, quamvis immite minaxque, attamen in poenae nomine lene fuit: quippe relegatus, non exul, dicor in illo, privaue fortunae sunt ibi verba mea.*

²³ Segundo Santos (2009-2010, p. 176), as bibliotecas da Antiguidade não tinham um caráter público e serviam apenas como um depósito de livros, sendo mais um local em que se armazenavam os livros do que um lugar para preservá-los e difundi-los. Além disso, os acervos dessas bibliotecas eram organizados em armários com divisórias e arrumados um ao lado do outro. Nesse sentido, Battles (2003, p. 37) argumenta que “[...] a reunião das obras em grande número ajudava, na verdade, mais a destruição que a preservação, e a maior parte das que sobreviveram pertenciam a pequenas coleções particulares. Ainda hoje, é difícil determinar a quantidade de obras que se perderam em incêndios e catástrofes por estarem reunidas em grandes quantidades”.

²⁴ *Omne non fausto femina virque meo: carmina fecerunt, ut me moresque notaret iam demi iussa Caesar ab Arte mea.*

²⁵ *Ira quidem moderata tua est, vitamque dedisti, nee mihi ius civis nee mihi nomen abest, nee mea concessa est aliis fortuna [...].*

²⁶ *Ulterior nulli, quam mihi, terra data est.*

de sua identidade e cultura latinas, pois lá não existiria ninguém que pudesse compreender seus versos. O próprio Ovídio, segundo Cabeceiras, teria perdido o domínio sobre o latim, contaminando-se com barbarismos. Não podemos assegurar, entretanto, que essa degradação cultural fosse um dos objetivos do imperador, mas podemos, sim, afirmar que “não há notícias, em toda a história romana, de um desterro, não importa o estatuto jurídico, tão afastado das costas mediterrânicas”.

Ovídio faleceu em Tomos em algum momento do inverno de 17-18 d.C. (KNOX, 2009, p. 7) e o seu exílio, de acordo com Goold (1983, p. 107), “[...] continuará misterioso, proporcionando aos pesquisadores de estudos clássicos um eterno, desafiador e insolúvel quebra-cabeças”.

Referências

ABOTT, F. F. *A history and description of Roman political institutions*. Boston: Ginn & Co., 1901.

BATTLES, M. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Planeta, 2003.

CABECEIRAS, M. R. de V. Ovídio: a biografia como evento intelectual estruturado. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RJ: HISTÓRIA E BIOGRAFIAS, 10, 2002, Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://www.academia.edu/1405704/Ovidio_a_biografia_como_evento_intelectual_estruturado>. Acesso em: 22 dez. 2012.

CONTE, G. B. *Latin literature: a history*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

GOOLD, G. P. The cause of Ovid's exile. *Illinois Classical Studies*, v. 8, n. 1, p. 94-107, 1983.

GUDEMAN, A. *História de la literatura latina*. Trad. de Carlos Riba. Barcelona: Editorial Labor, 1952.

HABINEK, T. Ovid and empire. In: HARDIE, P. (Ed.). *The Cambridge Companion to Ovid*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 46-61.

KNOX, P. E. A poet's life. In: KNOX, P. E. (Ed.). *A Companion to Ovid*. Malden: Wiley-Blackwell, 2009. p. 3-7.

MARROU, H. I. *Sobre o conhecimento histórico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- MENDES, N. M. O sistema político do Principado. In: SILVA, G. V.; MENDES, N. M. (Orgs.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Vitória: EDUFES, 2006. p. 21-51.
- NUTTALL, P. A. *A classical and archaeological dictionary of the manners, customs, laws, institutions, arts, etc. of the celebrated nations of Antiquity, and of the Middle Ages*. London: Whittaker and Co., 1840.
- OVID. *Tristia, Ex Ponto*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- PARATORE, E. *História da literatura latina*. Lisboa: Caloustre, 1983.
- SANTOS, J. M. O processo histórico evolutivo das bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. *Vida de Ensino, Goiás*, v. 1, n. 1, p. 1-10, ago./fev. 2009-2010.
- TRIBAULT, J. C. *The mystery of Ovid's exile*. Berkeley: University of California Press, 1964.
- VOLK, K. *Ovid*. Malden: Wiley-Blackwell, 2010.
- WHEELER, A. L. Introduction. In: OVID. *Tristia, ex Ponto*. Cambridge: Harvard University Press, 1988. p. vii-xli.
- WHITE, P. Ovid and the augustan milieu. In: BOYD, B. W. (Ed.). *Brill's Companion to Ovid*. Leiden: Brill, 2002. p. 1-25.